

A photograph of a window ledge. The wall is painted a light blue color. On the ledge, there is a white pipe running vertically, a brass faucet, and a wire mesh basket containing various items. A black and white photograph is leaning against the wall. The text 'tre - chos' is overlaid in the upper right, and 'bruno nobru' is overlaid in the lower left. The date '(2006-2008)' is in the bottom right corner.

tre - chos

bruno
nobru

(2006-2008)

tre-chos, bruno nobru (2006-2008)

não são poemas
mas fragmentos de paisagens
possibilidades a brotar
raízes e galhos
embriões de rizomas
no prelúdio do porvir
ao encontro do autêntico tom
compondo um outro novo
a se afinar consigo próprio

partindo de si
sendo o próprio teu caminho
concordando ou discordando
agindo e movimentando
escrevendo com teu nome
com nome falso ou sem nome
todos somos livres para ir onde quiser
vamos voar!



bruno nobru
pouso alegre, mg
www.nobru.vze.com
trocarletras@gmail.com

descrição

trechos escritos por bruno nobru,
de 2006 a 2008, entre são paulo e minas gerais
reunidos entre janeiro e julho de 2008
temas relacionados: existência, liberdade, cultura
foto da capa por bruno, 2007, desenho árvore por bruno

direitos e uso

© alguns direitos reservados:
é livre a reprodução parcial ou integral
desde que citado o nome do autor
e utilizado para fins não comerciais

importante

que o acesso à cultura seja para todos
livre de ganâncias e luxos particulares
♻️ quando não estiver usando, ou se não te interessar
passe para alguém, pois poderá ser útil para outras pessoas

contato

bruno barbedo carrasco
trocarletras@gmail.com
www.nobru.vze.com

a melhor companhia para a leitura do que escrevo é a de si mesmo. não tenho nenhuma intenção em transmitir alguma verdade e se você busca isso não é o que vai encontrar aqui – não é essa minha busca nem minha caminhada

sugiro a escuta do silêncio e a leitura além das letras, sem buscar por conclusões apressadas, lendo sem pressa e aproveitando as pausas: reveja e escreva você também o que pensa, sente e quer enquanto lê: seja sincero contigo, não queira me agradar

não se cobre por ler nada, pois leitura e as vivências acontecem aos poucos, tal como a gente. não leia este livro como qualquer outro, pois ele não é um qualquer. os espaços em branco estão para serem apropriados, riscados, escritos, desenhados, etc

siga o caminho no seu próprio caminhar e na desobediência aos atos mais nocivos à si mesmo, tais como ceder vontades, se privar, viver no medo ou na mentira hipócrita. se permita a agir em favor próprio, pois há uma diferença entre fazer o que se quer e fazer o que outras pessoas e meios querem. uma coisa sou eu, outra são os outros (um não-eu)

não é preciso entender o que é certo, bom, justo ou verdadeiro – basta seguir o fluxo das vivências e depois com calma, muita calma, sacar o que sentiu delas

o homem fabrica o automóvel
os automóveis provocam o trânsito
o trânsito incomoda o homem

textos curtos

outros parâmetros
diferentes visões

descaptações rotineiras
possibilidade de corte
de re-olhar

com poucos sons

não está nas palavras
animais não falam
(não precisam)

herdamos doenças psíquicas e fatalidades
de nossos pais, avós, sociedade, cultura,
escola, vizinhos, amigos, primos, ...

herdamos tampões nos olhos
e nebulosas na mente

enquanto o corpo permanece
direcionável....

a vida é afetada,
o sentimento silenciado,
o existir limitado

peças se alimentam de
animais, legumes, enlatados
roupas, shoppings, baladas

insetos picam as pessoas
o mercado se alimenta das pessoas
- animais sábios e ignorantes

o som da cidade
o andamento do concreto
a vida falsa
a repressão sexual
a alienação política
a domesticação
a submissão

e é tudo tão fácil:
é só trabalhar, pagar impostos
comprar besteiras pra jogar fora depois
e alugar um filme pra assistir
no horário eleitoral

um cara rodou esses dias,
tem que ficar ligeiro mesmo
vamu jogá um bilharzin??

entre eu e você
há muito mais
do que eu e você
há o que nos transforma
o que nos torna
outro-eu e outro-você

seres estranhos

predadores e presas

parasitas sugadores de sangue
disfarçados de ajudantes inofensivos
utilizam estratégias para a captura
de suas presas...

algumas delas
procuram disfarces para se defender
...sobram os mais fortes

cada um busca suas formas
pra se defender de seus predadores
tentando garantir sua vida

alguns se unem em grupos
contra predadores comuns
criam tribos
geram conflitos

as diferenças nascem do sexo
e os conflitos
das relações entre diferentes

teorias
conceitos
tantos conceitos

situações prontas
organizadas
certinhas

o cafezinho na xicrinha
a calça dobrada certinha
a cor do sapato combina
a falta de vida vivida

aquelas frases prontas
aqueles olhares
aqueles risos
aquelas maneiras de ser e agir
em cada momento
aquelas prontas
 que não me pertencem
e que me tomam conta
em certas situações
das quais desgosto

ser ou não ser não é a questão
há muito mais o que viver do que comprar

fácil é gostar de quem gosta do que gosta
de quem acredita no que acredita
quero ver cagar no mato
 cair de cara
 sacar o jogo
 vencer o risco

a noite,
local onde se escondem
as criaturas solitárias
que preferem não ser vistas na claridade
morcegos e corujas
maníacos e prostitutas
seres anti-sociais por excelência
que durante o dia são homens-sérios
empresários, lojistas, advogados
falsos hipócritas...

todos os seres sórdidos
sonhados e temidos
andando na calada
caminham como felinos
espaço diferente, momento solitário
onde só o som de meus passos
me acompanham

luzes ligadas a noite toda,
as normas da cidade não param
habitam no ser o tempo todo
para que deixe distanciado
o seu escuro, sincero e autêntico
eu
de lado, calado e adormecido

– fingir: o espetáculo da vida
[o teatro do cotidiano]

a economia da imagem e ação

trocar a dor do trabalho
da poluição e do estresse
pelos prazeres
dos produtos da cidade grande

tendas de pessoas amontoadas
procurando emprego
mixando culturas
filhos do medo da repressão
adestrados ao consumo
em favor de outros e outros

muito pouco à seu favor

entra ano, sai ano
o todyngo continua com o mesmo sabor
e a estação ana rosa
continua no mesmo lugar

na medida em que as relações se estabelecem
criam-se seres
-personagens e máscaras
para cada situação e circunstância

aos poucos
cada um vai assumindo vida própria
seus jeitos de ser
seus meios
seus espaços
seus contatos

seu ser torna-se um personagem
de si-mesmo
e se o seu ser faz o que você não quer
você se torna espectador da sua própria vida

vida levada
lavada
nem limpa, nem suja
nem bar, nem bilhar
ar...
(um bom companheiro)

leva um tempo pra sacar
que o tempo passa
e que tem muita coisa sem nome
voando por aí

a gente anda tanto
e por vezes parece
que o chão não sai do lugar

tempo . . tempo . . tempo . . tempo
no dia-a-dia as cenas se repetem
nunca falam de nós mesmos
falam do futebol, do papa, da novela
do bigbrother, da mina, do bar ...
de tantos tantos que me cansam

estou aqui pra falar de mim e de você
sem cenas

entre

a escrita é o pai
o relógio é o corte
o escrever o ente
a caneta o refém

acho péssimo ter que pensar igual gente
esse ser burrocrático que o humano se tornou

os seres humanos
tal como os dinossauros, foram extintos
não há mais tempo pra liberdade
pro respeito e pra vida

minhas roupas devem me servir
e não eu servir elas

quer voar? cria asas!
qual o seu nível de pudor?

eles são eu...
tanta coisa que esquece de si

uma vida e um trabalho mais ou menos
o receio do medo
do arrependimento da demissão

escrevo assim
pois ando assim

escrevo no ônibus
na rua
e em qualquer lugar

pois existo em
qualquer lugar

o vento sopra
o fogo alastra
o gúliwer viaja

milhares de pessoas
trabalhando todos os dias
suando em lugares que não querem
guentando broncas e caras feias
pagam o ócio de filhos do dinheiro
enquanto estes descansam
e consomem os produtos do suor

as imagens...

é só isso que a maioria quer
que seja hipócrita como eles
e que viva com a liberdade
guardada no bolso, privada e escondida

os que caem nessa
acham que beber e gritar
é o mesmo que ser livre

seu conceito de liberdade
é tão frágil e influenciável
que os guiam em favor
do consumo e da riqueza de alguns
pagam o ócio
de filhos do dinheiro

será que eu amo ser quem sou ?

queria eu um dia ser uma
xícara de café ou um
ovo, pra sacar
se amo quem sou
pois
como vou saber se me
amo se nunca deixei
de ser eu mesmo ?

se um dia eu for xícara
poderei sentir a diferença
entre a xícara e eu e
perceber se prefiro
ser xícara ou ser eu

enquanto não me torno xícara
fico na dúvida

o café já está com gosto de cigarro
e o cigarro já não esta mais nada
e me faz ter vontade de ir ao banheiro

a vida já esta com gosto de água nova
eu já não estou tão sem mim
sinto-me mais vivo

a cor da cinza não é bem cinza
e os olhos se fecham
ao pensar que num momento anterior
tudo acontecia
e nada era como se via

e a cor não ha mais
não ha mais o antes
não ha mais o depois
só o talvez

sentindo-me meio assim
estou no momento
pressionando botões
com as pontas dos dedos
e fumando a mim mesmo

a gente pensa que sabe como a gente é
acha que se conhece
e que sabe como agir em cada situação
se esquece que a vida é muda
e que a gente muda

depois percebe que não adianta muito saber
porque cada situação é uma
e cada momento leva a um
outro movimento

a ditadura não acabou
está na ativa com outras camuflagens
e suas armas apontam pra mente
nos metralhando de idéias
do que é certo e do que é errado
fazendo de tudo
pra que a gente não pense o contrário

as vontades e idéias são guiadas
vivemos na falácia da liberdade
achando livre pra dizer o que quer
mas fazendo o que não quer

estamos numa revolução tecnológica
e tantas ditaduras ideológicas...
tem um monte de gente se fodendo
e outros que não fazem a mínima idéia disso
poucos tiram proveito da ignorância da maioria

os meios de comunicação de massa
nos influenciam o tempo todo
a um punhado de comportamentos
idéias e sentimentos:
criando escravos pacatos e obedientes
guiados para consumir e serem consumidos

com poucas palavras
as sílabas silambeiam

com muitas
elas silambuzam

acorda pra cuspir o teu catarro

não o do outro
nem teu catarro antigo

encha-te de catarro novo
inspira-te ao máximo que puder
e cuspa com toda a força e vontade!

cada um vive a sua paisagem

não somos iguais

a liberdade não é uma conquista individual
-particular
pois não é algo que se tem
mas que se constrói em relação

a relação libertária altera o entorno
e o entorno é uma extensão do indivíduo

não temos pessoas
como temos uma mesa
uma bicicleta
um quadro
ou um litro de leite

as coisas ficam
à nossa espera
para usarmos

as pessoas
se usam
a elas mesmas
pois elas
são objetos
delas mesmas
e não de outras

você é o autor da sua vida e da história:
não compre o que não é útil para você
não dê mais importância ao que possui
do que à você mesmo
e não acredite em qualquer coisa que escuta
dê um basta em relações e lugares
que não te trazem benefícios:
crie novos espaços, vá a outros lugares,
estabeleça novas relações

jogue no lixo aquele seu medo velho
seja autônomo e independente
enquanto você deixa sua vida de lado
ela te deixa de lado também
faça o que você quer por conta própria
não espere que os outros façam por você
faça você mesmo a tua arte
exponha teus sentimentos, idéias e opiniões...
concorde ou discorde, cuspa, chute
publique com teu nome
com nome falso ou sem nome
você pode muito mais do que pensa

convido-te a quebrar todas essas tralhas
que regram a escrita, a arte e a vida...
todos somos livres pra ir onde quiser,
voe!

eis o homem...

que possui fraquezas
que o desapropria

as coisas não têm medo delas mesmas
as coisas são de ninguém
há coisas no ar para serem pescadas
 muitas andam por aí
 dum lado pro outro
 algumas bem perto de mim

eu estou para–além deste texto
para cuspir
 pular
criar cultura
e ir além...

há várias possibilidades

– a vida

cada uma com seus valores

seus a-favores

seus contras

seus preferidos

seus distraídos

suas noções de liberdade e aprisionamento

suas queixas e seus sabores

escolha teus caminhos

olhe bem pra eles

procure tuas extensões

e adapta os caminhos a ti

hare krishnas, novelas

evangélicos, maconheiros

zen-budistas, anarquistas

existencialistas, direitistas

cada grupo com seus estabelecimentos

e caminhos a serem percorridos

cada cabeça carrega

tua própria sentença

o que passou

passou

e o que ficou

é o que estou me ligando

agora

quanto mais

vivencias diferentes

mais

diferentes possibilidades

e caminhos

novos e diferentes

outros

quanto mais caminho

mais livre vou

para escolher comigo

o que quero que permaneça

e o que quero mudar

minha escrita é anti-poética
anti-rima e anti-ética
anti todas essas tralhas consumistas
minha escrita é em trechos e ácida
quer derreter a noção de comum
e qualquer tentativa
de manter indivíduos em regras pré-estabelecidas

minha arte é O RISCO
que aposta na vida e não na morte
nas diferenças e não nas corriqueiras
na transformação e não na manutenção
ela é a mosca que pousa na tua sopa
e você a come enquanto não cospe
rima com sujeira
com dor de doença, com ar diferente

lança tua cara ao contrário
pra que teu olho observe o funcionamento
- falando nisso, você já se tocou hoje?

rasga tua cegueira e olha pro teu entorno
vê que uns querem leite e outros merda
e qual você quer? qual-quer?
vê se teu leite não é tua merda
quanto tempo perdeu escutando nirvana
e quanto ganhou?

quero falar com gente real
gente que faz o que sente, que é forte
e faz porque vive, e age porque quer
que não fica julgando o que sente
nem colocando valores sobre o que sente

gente que não precisa se esconder
que se mostram quem são
e que são diferentes dos outros
porque sentem diferente

gente que decide pelo que tá afim
e que saca que o sentimento é mutável
e que não vive por obrigação, mas por viver
e se não tá afim de fazer algo
não se obriga a fazer

gente que crê na possibilidade
de criar uma outra arte
e uma outra vida...
sabe que é possível ser real
e não tem medo de fazê-lo

manter relações livres
sem sentimentos de dever ou culpa

as coisas vão sempre bem
até que os outros aparecem

tantos outros
que atrapalham

e são sempre eles
esses lentos e pitorescos
faladores e pouco fazedores

sempre eles
os julgadores
e as tábuas de valores
que me dizem
quando estou errado
porque pra mim estou sempre certo

se eles fossem eu
tudo estaria ótimo

como não são
continuo sendo este
errado que sou

me poupar
tem me tornado cotidiano

cada vez mais
me gastar menos
com qualquer coisa
me poupar mesmo
não me gastar
à qualquer coisa
à qualquer um

cada vez mais
menos esforço
menos palavras
menos saliva

cada vez mais
comigo mesmo

matar pernilongos
este sim tem sido meu ofício
destruir os que me destroem
os que me picam
e os que querem me sugar

estou sendo o que faço
tanto o que faço e escolho
quanto o que faço e não escolho
– os dois são eu

o que faço vai de acordo
com o que quero para mim

não desculpo minha sinceridade
é o que mais me representa

escrevo o que escrevo
não o que não escrevo
o que escrevo é para mim
o que não escrevo não é pra mim
é pra quem o faz

sou esse
e não estou pra te agradar

as palavras saem do papel
as palavras hão de sair do papel

e voar...

meu passado é minha culpa
o presente minha condição

a aposta é um risco

a vida. . .

a gente acaba tendo que ir vivendo
pra sacar qual é a dela

me faço a cada momento
crio cultura quando mostro

amanhã bem cedo
meu pensamento vai plantar bananeiras no ar

quero um chocolate quente
passando em meu pescoço

e ter tempo para a pesca...
fisgar pessoas que passam pela rua

corações brilhantes pulsam no ar
muita cor azul, verde e lilás
tudo alegre, indo e vindo
tudo em volta à brilhar

tempo para a cor
para o som
o silêncio
e o retornar

| pássaros guardam queijo mineiro |
| em suas geladeiras |

chove, mas faz sol
estou me re-esticando
a minha estética
e à mim mesmo

sem números de nuvens
navegam sem ar
sem-tido se-cria
ao cho-car

casi vai
mas anda deva-gar

a cerveja vale um momento
uma pausa –
pro amargo ficar doce
– a de agora
me custa R\$ 2,20

trecho do corte

eu crio
tu observas
ele sente
nós andamos

eu confundo
tu mergulhas
ele afunda
nós nadamos

eu te corto
tu revestes
ele se queima
nós quebramos

eu me colo
tu te driblas
eles se encontram
nós observamos

eu caminho
tu te perdes
ele pula
nós mudamos

invento a vida
o olho, a morte

invento o tempo
o dia, a noite

invento o novo
que cria sentidos

invento o céu
e minha alegria

invento o vento
que leva as coisas
que um dia inventei

quando escrevo
me mostro...
tinto riscos no papel com partes de mim

minha escrita está –entre– as coisas:
entre eu e minhas vivências
entra em mim e sai em fragmentos

o direito do que escrevo
tal como o dever do que escolho
só cabe a mim mesmo
e a ninguém mais
ninguém melhor do que eu para descrevê-lo

algumas células ficam
e outras continuam
cuidando da mitose e da meiose

a caneta transmite e conserva
– passeios por fios

. . .e as palavras
coitadas delas
nem sabem o que dizem

se eu for descrever a mim mesmo
em palavras
me classificarei em coisas que não sou
pois não nasci sendo palavras
nem palavras me tornei

sou e estou sendo algo
que não há como descrever
senão por si mesmo
este que em nada se classifica
pois se classificar
deixo de ser este fluído
e me torno um estático

as coisas continuam sempre as mesmas
enquanto as olhamos com os mesmos olhos

interprete-os como quiser
isso é problema seu
e não meu
mas
que fique claro
que não sou só o que escrevo

lance isto e cuspa!

este livreto é uma re-configuração de trechos escritos por mim entre julho de 2006 à janeiro de 2008, em são paulo e minas gerais

os trechos contém fragmentos de minha existência: lugares por onde passei, coisas que fiz, pessoas que convivi, percepções que tive, sons que ouvi, palavras que li, árvores, trânsitos, caminhos, viagens e tantas outras paisagens...

quando escrevo gosto, depois desgosto. passa um tempo regosto. por vezes publico e desgosto novamente, depois regosto e depois depois

alguns deles foram incluídos em livretos que fiz contendo umas vinte páginas cada, sendo cinco publicados e divulgados por conta própria em papel a4, pb, xerocopiados: “lembranças de quando éramos da água” (2006), “de: enquanto/para: talvez” (2006), “não sou você” (2007), “trechos existenciais” (2007)

outros, não publicados, estão em processo de brotar, aguardando seu porvir, talvez com os títulos: “fragmentos de percepções” (2004/05), “à minha liberdade” (2006/07), “tanto faz?” (2007), “andando entre nuvens” (2008)

por vezes escrevo algumas palavras e publico no site brunobc.multiply.com, entre outras soltos por aí, por ruas e casas passeando nesta bolinha que chamam de terra

bruno
barbedo
carrasco



(foto por Corina, 2008)

fui brotado na caótica cidade de são paulo, no começo da década de 80. não me lembro muito da história, mas nunca gostei muito de escola e de todos aqueles jeitos de ser fúteis e pré-determinados. aos poucos fui caminhando pra mim mesmo, acho que fazendo sons num violão velho pra abstrair e cuspir umas coisas que surgiam, que ainda não sacava muito bem o que eram. experimentei diferentes sons, ruídos e afinações, caminhando pra experimentação, numas levadas mais autênticas. comecei a ler filosofia, me tornei psicólogo da autonomia, o que sou e também não sou. fui pro mato e voltei escritor – o que faço entre uma coisa e outra: numa fila qualquer, no meio da noite, dentro do ônibus e fora também. no momento estou no sul de minas gerais. gosto da cidade e do mato, mas não sou só isso que escrevi. de vez em quando vou à feira outras não vou, algumas vezes de bicicleta outras a pé, tomo café e também não tomo, e tudo vai fluindo com ou sem i ching ...